

**Artigo****Projeto de vida: como pesquisadores da área da Psicologia e da Educação abordam essa categoria?****Life project: how do researchers in Psychology and Education address this category?****Proyecto de vida: ¿cómo abordan esta categoría los investigadores de Psicología y Educación?*****Gisela Lobo B. P. Tartuce¹, **Liliane Bordignon de Souza², * Patrícia Albieri Almeida³**

*Fundação Carlos Chagas (FCC), São Paulo-SP, Brasil, **Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté-SP, Brasil

Resumo

Este artigo objetiva mapear um conjunto de trabalhos acadêmicos que tratam da temática “projeto de vida”, com foco na população jovem, de modo a analisar como essa categoria é abordada por pesquisadores da área da Psicologia e da Educação, entre 2006 e 2021. A busca bibliográfica concentrou-se no *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO-Brasil) e, mais especificamente, nos portais de periódicos eletrônicos do campo da Psicologia e da Educação: PePSIC e Educ@. Foram selecionados, lidos na íntegra e analisados 54 artigos. Observou-se que a temática é abordada tradicionalmente pela área da Psicologia e só mais recentemente pela Educação. Vários aspectos comuns integram a definição de projeto de vida: a dimensão temporal e identitária; seu caráter dinâmico; e a necessidade de construí-lo articulando-se subjetividade e objetividade. Apesar da complexidade do mundo contemporâneo, boa parte das pesquisas revela que os jovens ainda buscam elaborar projetos de vida a partir da tríade família, escola e trabalho. Assim, e com a recente reforma do Ensino Médio (Lei 13.415), que institui o “projeto de vida” na formação integral do aluno, vários estudos também chamam atenção para a importância de institucionalizar programas de orientação profissional e/ou de formação de professores para trabalhar com o projeto de vida, de modo a auxiliar os jovens estudantes a escolherem seus itinerários formativos e a pensarem seu futuro, integrando a busca de sentido às ações necessárias para atingir seus objetivos.

¹ Pesquisadora Sênior do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, Doutora em Sociologia. Orientadora profissional. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-2645-7231> E-mail: gtartuce@fcc.org.br

² Docente do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté. Doutora em Educação. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-2865-3332> E-mail: lilianebordi@gmail.com

³ Pesquisadora Sênior do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, Doutora em Educação. ORCID id: <http://orcid.org/0000-0002-4081-4573> E-mail: palmeida@fcc.org.br

Abstract

This article aims to analyze scientific literature on “life project”, focused on young people, in order to verify how this category has been addressed by researchers in Psychology and Education fields, between 2006 and 2021. The bibliographic search was performed on database Scientific Electronic Library Online (SciELO Brazil) and, more specifically, on electronic journals portals of the mentioned areas: PePSIC and Educ@. Fifty-four articles were selected, fully read and analyzed. It was observed that the topic is traditionally addressed by the Psychology field and only more recently by Education. The main findings revealed several common aspects within the definition of life project: the temporal and the identity dimension of project; its dynamic character; and the need to consider both subjectivity and objectivity. Despite the complexity of contemporary world, a considerable number of researches reveal that young people still try to make life projects based on family, school and work. With the recent High School reform in Brazil (Law 13.415), which sets out “life project” as part of the curricula, several studies also points out the importance of institutionalizing counseling programs and/or teacher training to work with life project, in order to help young students choose their formative roadmaps and think about their future, combining the search for meaning to the necessary actions to achieve their goals.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo mapear un conjunto de trabajos académicos que abordan el tema “proyecto de vida”, centrándose en la población joven, con el fin de analizar cómo esta categoría es abordada por los investigadores en el campo de la Psicología y la Educación, entre 2006 y 2021. La búsqueda bibliográfica se centró en la Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil) y, más específicamente, en los portales de los periódicos electrónicos del área de Psicología y Educación: PePSIC y Educ@. Se seleccionaron 54 artículos, que se leyeron en su totalidad y se analizaron. Se observó que el tema es tradicionalmente abordado por el área de Psicología y sólo más recientemente por la Educación. Varios aspectos comunes integran la definición de proyecto de vida: la dimensión temporal e identitaria; su carácter dinámico; y la necesidad de construirlo articulando subjetividad y objetividad. A pesar de la complejidad del mundo contemporáneo, grande parte de las investigaciones muestran que los jóvenes siguen intentando elaborar proyectos de vida basados en la tríada familia, escuela y trabajo. Así, y con la reciente reforma de la Educación Secundaria (Ley 13.415), que instituye el “proyecto de vida” en la formación integral del alumno, varios estudios también llaman la atención sobre la importancia de institucionalizar programas de orientación profesional y/o formación docente para trabajar con el proyecto de vida, con el fin de ayudar a los jóvenes estudiantes a elegir sus itinerarios formativos y a pensar en su futuro, integrando la búsqueda de sentido a las acciones necesarias para alcanzar sus metas.

Palavras-chave: Projeto de vida, Juventude, Revisão de literatura.

Keywords: Life project, Youth, Literature review.

Palabras clave: Proyecto de vida, Juventud, Revisión bibliográfica.

1. Introdução

O tema “projeto” está presente em várias áreas do conhecimento, tais como a Sociologia, a Educação, a Psicologia e, dentro dela, a Orientação Profissional (OP). Em linhas muito gerais, projeto passou a ser uma necessidade na vida do indivíduo e constituiu-se como objeto de estudo com o advento da modernidade; e, nesse sentido, está intimamente relacionado às dimensões que a caracterizam: o trabalho, o tempo futuro e a idade adulta. É somente a partir do momento em que o indivíduo pode escolher seus caminhos e modificar o

futuro que faz sentido ele pensar em projeto de vida⁴ (ATTIAS-DONFUT, 1996; VELHO, 2003).

Atualmente, em um contexto de profundas transformações socioeconômicas, políticas e culturais, que impactam fortemente a temporalidade, o mundo do trabalho e os referenciais do mundo adulto, tornando-os incertos, as condições para a elaboração de um projeto vêm se modificando intensamente. Se o presente era o tempo de preparação do futuro, se era o tempo no qual o jovem podia construir seu projeto de vida e vê-lo corresponder no futuro àquilo que havia planejado – o projeto sendo sinônimo de sua própria biografia –, na contemporaneidade é muito mais complexo projetar a posição que se ocupará no mundo adulto (LECCARDI, 2005).

Outra marca do mundo contemporâneo e corolário dessa imprevisibilidade é a necessidade de os indivíduos continuarem a estudar ao longo da vida, para darem conta das mudanças constantes e garantirem o que o discurso social denomina “sua empregabilidade”. Se o ensino médio ou um curso profissionalizante eram suficientes para se conseguir um emprego estável, hoje em dia as novas gerações são pressionadas a alçarem o ensino superior, ao lado de outros mecanismos de distinção para enfrentar um mercado cada vez mais competitivo e restrito (TARTUCE, 2010).

Com isso, a temática projeto tem ganhado novo destaque, seja na produção acadêmica ou em políticas públicas nacionais e internacionais. Do ponto de vista do sistema educacional, muitas foram as proposições empreendidas mundo afora, desde a década de 1990, para formar um sujeito mais adaptável a esse novo cenário (COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE; OFICINA REGIONAL DE EDUCACIÓN PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE – CEPAL-UNESCO, 1992). No Brasil, várias mudanças têm sido feitas desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394 (BRASIL, 1996). No ensino médio especificamente, etapa final da educação básica e momento principal em que os jovens têm de fazer escolhas sobre seu futuro, várias foram as transformações na política educacional (TARTUCE *et al.*, 2018; TORRES; TEIXEIRA; FRANÇA, 2014). As últimas datam de 2017 e trazem a proposta de novas aprendizagens e competências – por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017b) – e de um novo formato de ensino médio (Lei n. 13.415) (BRASIL, 2017a), que abandona a ideia de formação única e traz cinco itinerários possíveis para o estudante optar. Além da questão da escolha, ganha também destaque, nos dois documentos, a ideia de projeto de vida, que passa a ser um conteúdo obrigatório no ensino médio, considerando os aspectos físicos, cognitivos e emocionais dos jovens estudantes. Cria-se, assim, uma nova demanda para as escolas públicas, já que promover projetos de vida passa a ser uma atribuição dos professores desse nível de ensino.

No país, a orientação para a reflexão e elaboração desse tipo de projeto raramente se fez nessas instituições⁵. Embora haja, desde a LDB n. 9.394

⁴ Cabe ressaltar que, quando se fala em projeto de vida, há várias dimensões envolvidas, como a profissional, a afetiva e a cívica (SERRÃO; BALEEIRO, 1999); mas, dada a centralidade do trabalho na modernidade, “projeto profissional”, “projeto de carreira” e “projeto de futuro” tornam-se praticamente sinônimos de “projeto de vida”. Neste artigo, utiliza-se esta última denominação para designar todas as outras.

⁵ Melo-Silva, Munhoz e Leal (2019) fazem uma revisão histórica da legislação brasileira para compreender como a orientação profissional foi tratada no sistema educacional. Entre as

(BRASIL, 1996), um discurso que preconiza que a educação básica deve se ocupar da preparação para o mundo do trabalho, não há, nas normatizações posteriores, qualquer

[...] diretriz para a implantação de serviços especializados de apoio aos alunos para as decisões de carreira, [...] ficando a escola sem referência legal de como estes serviços de orientação serão oferecidos e por quem serão realizados (MELO-SILVA; MUNHOZ; LEAL, 2019, p. 7-8).

Na prática, até hoje, os estudantes continuam sem ações sistematizadas de orientação profissional nas escolas, as quais lhes permitiriam um processo refletido e consciente de autoconhecimento, de reflexão sobre a realidade profissional e de apropriação de suas escolhas para elaboração de um projeto de vida, aspectos que certamente contribuiriam para tornar a transição escola-trabalho menos abrupta. Essa falta é por eles sentida, de acordo com algumas pesquisas (ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFSZ, 2015; TORRES; TEIXEIRA; FRANÇA, 2014), que revelam sua demanda por mais discussão no ambiente escolar sobre o trabalho e o futuro.

A importância de se pensar em projeto na escola acontece justamente em um momento em que é cada vez mais difícil elaborá-lo, revelando um dos grandes paradoxos da contemporaneidade: por um lado, a projeção individual da vida é ainda pautada pelo modelo centrado nos adultos, no trabalho e no tempo futuro, que é o modelo das gerações anteriores; por outro, apesar de a participação, a identidade e o reconhecimento social estarem ainda ancorados no trabalho, esse modelo parece cada vez mais distante – dada a escassez do emprego –, fazendo com que as possibilidades reais entrem em conflito com as expectativas individuais e sociais. A sociedade acena com promessas assentadas sobre a meritocracia e o retorno material e simbólico futuro, mas os percursos para a vida adulta são cada vez mais obscuros, longos e duvidosos (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017).

Nessa direção, indaga-se aqui quais são as possibilidades de se falar em projeto em um contexto de fragmentação da experiência, de ambiguidade dos modelos adultos disponíveis e de falta de emprego. Quais são as potencialidades e os entraves para a ideia de projeto de vida, agora contida nas recentes políticas educacionais do país? Ao mesmo tempo, embora o estudo sobre essa temática não seja recente, poucos são, no Brasil, os pesquisadores que a ela se dedicam, e ainda persistem dificuldades quanto à sua própria definição, que não apresenta consenso (GOBBO; NAKANO; DELLAZZANA-ZANON, 2019; TOLEDO; NORONHA; DIAS-VIANNA, 2021).

Para contribuir com a reflexão sobre essas questões, este artigo tem por objetivo analisar um conjunto de trabalhos acadêmicos que tratam da temática

décadas de 1930 e 1980, as autoras mostram que as políticas de OP voltavam-se para alunos do ensino médio, “na vertente do Aconselhamento Vocacional e para a escolha de um curso profissionalizante (técnico ou superior)” (p. 8). A partir daí, porém, elas foram “gradativamente desaparecendo das escolas públicas” (p. 7). Nos últimos anos, observa-se maior interesse dos legisladores no sentido de apoiar a obrigatoriedade dos serviços de orientação profissional no sistema de ensino no país, sendo o Projeto de Lei n. 5.053 (BRASIL, 2016) uma indicação nesse sentido.

“projeto de vida”, com foco na população jovem⁶, de modo a entender como essa categoria é abordada por pesquisadores da área da Psicologia e da Educação: quais são as definições e referências teórico-metodológicas mais utilizadas? Por onde passa a discussão para auxiliar os jovens a construírem seus projetos de vida? A análise daí decorrente pode se tornar uma boa síntese, especialmente para os profissionais – e agora professores – que lidam concretamente com as novas gerações que desejam e têm o direito de construir seus projetos de vida, bem como para as políticas públicas que precisam estar “respaldadas devidamente no conhecimento produzido a partir de pesquisas” (MELO-SILVA; MUNHOZ; LEAL, 2019, p. 13).

2. Metodologia

Para cumprir o propósito deste trabalho de acessar e reunir artigos que refletem teórica e praticamente sobre a categoria “projeto de vida”, com recorte no público juvenil – sem a pretensão de realizar um estado da arte exaustivo sobre a temática –, buscou-se apoio em Ferreira (2002) para estabelecer as referências para uma revisão de literatura consistente e definir etapas rigorosas para a análise pretendida. Essa autora afirma que pesquisas do tipo estado da arte têm se destacado nos últimos anos, por possibilitar uma visão abrangente da produção científica a respeito de um determinado tema:

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares (FERREIRA, 2002, p. 258).

Partiu-se do pressuposto de que artigos acadêmicos publicados em revistas científicas são atualmente algumas das melhores fontes para se acompanhar a produção e o debate sobre determinado tema. Assim, o primeiro passo para o levantamento bibliográfico foi a seleção das bases de dados: *Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil)*⁷ e, mais especificamente, os portais de periódicos eletrônicos do campo da Psicologia e da Educação: PePSIC e Educ@⁸. Todos esses são indexadores reconhecidos com acesso aberto e gratuito para leitura e *download* de artigos⁹. Na sequência, foram escolhidos os descritores a serem utilizados, a partir da observação das palavras-chave utilizadas nos diversos campos do conhecimento que pesquisam

⁶ Se o projeto faz parte de nossas vidas em todas as suas etapas – hoje, mais do que nunca –, esse tema se torna mais premente na juventude, por haver a exigência social de que os jovens definam seus caminhos nessa fase.

⁷ *Scientific Electronic Library Online* é uma biblioteca digital que constitui uma rede ibero-americana de coleções de periódicos científicos em texto completo e com acesso aberto, livre e gratuito.

⁸ Lançado em 2005, o objetivo do PePSIC é contribuir para a visibilidade do conhecimento psicológico e científico gerado nos países da América Latina, a partir da publicação de revistas científicas em acesso aberto. O Educ@ foi implementado em 2010 e tem como objetivo reunir periódicos científicos da área da Educação.

⁹ Nem todas as revistas de Psicologia e de Educação indexadas na coleção *SciELO* estão no Portal PePSIC e no Educ@, e vice-versa.

essa temática: “projeto de vida”, “projeto de futuro”, “projeto de carreira”, “projeto profissional”. Por fim, o último passo foi a definição temporal e espacial do objeto de estudo: artigos científicos publicados no Brasil nos últimos 15 anos (entre 2006 e 2021), para abarcar a produção já consolidada na área.

O levantamento foi realizado entre janeiro e maio de 2022¹⁰. Na coleção *SciELO* Brasil, realizou-se “pesquisa avançada” com os quatro descritores, no singular e no plural, em todos os campos existentes¹¹, aplicando-se os filtros de data (2006-2021) e país (Brasil). Obteve-se o total de 719 ocorrências. Pela triagem de títulos, selecionaram-se apenas aqueles trabalhos que efetivamente interessavam ao objetivo deste artigo: 67 referências. Ou seja, além de textos que eram totalmente fora do escopo, não foram mantidas referências com alguma especificidade, tais como projetos de jovens indígenas, soropositivos, surdos, em liberdade assistida, etc. Pesquisas com adultos também foram excluídas, dado que o foco aqui é o projeto de jovens em idade escolar ou universitários. A partir da eliminação dos repetidos e da leitura dos resumos, restaram 21 artigos que comporiam o *corpus* de análise.

Nas plataformas PePSIC e Educ@, foram utilizados os mesmos procedimentos, com algumas variações, dado que, nessas bases, os recursos de busca são um pouco diferentes. Por exemplo, não é possível aplicar os filtros de data e lugar antes da pesquisa pelas palavras-chave. Assim, a partir da ocorrência total (1.410 artigos em PePSIC e 862 no Educ@), aplicaram-se os filtros temporal e espacial definido (Brasil, últimos 15 anos) e analisaram-se, pelo título, quais referências interessariam ao objetivo deste artigo, a partir dos critérios elencados acima. Assim, restaram, respectivamente, 299 e 43 referências. Após a eliminação das repetições e leitura dos resumos, ficaram 37 artigos do PePSIC e 6 do Educ@. O passo seguinte foi colocar em uma mesma planilha as 21 ocorrências da coleção *SciELO*, as 37 do portal PePSIC e 6 do Educ@. Do total de 64 artigos para futura leitura, havia 7 que se repetiam em *SciELO* e PePSIC¹² e 3 em *SciELO* e Educ@¹³, perfazendo 54 textos. Os totais estão demonstrados na Tabela 1, abaixo.

¹⁰ As ocorrências foram exportadas para uma planilha Excel para construção do banco de dados. Esse programa também possibilita a classificação das referências por qualquer variável, viabilizando, principalmente, a eliminação daquelas que são repetidas.

¹¹ Em todos os campos, a busca foi realizada com os descritores juntos e separados. Por exemplo: “projeto de vida” junto, o que implica que a base reconhece e seleciona qualquer expressão como essa; e “projeto” AND “vida” separados, aparecendo qualquer ocorrência que traga essas duas palavras, mesmo que distantes.

¹² Os artigos repetidos são das revistas *Psicologia: Ciência e Profissão*, *Psicologia Clínica* e *Temas em Psicologia*, únicas dentre as selecionadas que estão indexadas nas duas bases de dados.

¹³ Os artigos repetidos são das revistas *Educação e Pesquisa*, *Educar em Revista* e *Educação & Realidade*, todas indexadas nas duas bases de dados.

Tabela 1 – Seleção de artigos científicos

Base de dados	Nº total de ocorrências	Nº de artigos selecionados após triagem pelo título	Nº de artigos selecionados após eliminação das repetições e triagem pelo resumo
SciELO	719	67	21
PePSIC	1410	299	30 (37 – 7 repetidos SciELO)
Educ@	862	43	3 (6 – 3 repetidos SciELO)
Total			54

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A metodologia aqui empregada tem, assim, uma perspectiva qualitativa. O caminho percorrido permite ver a quantidade de artigos científicos publicados no Brasil sobre o tema “projeto de vida”, nos últimos 15 anos, focado no público juvenil. Aproximadamente 50 trabalhos nas áreas da Psicologia e Educação foram encontrados, mas a primeira contém muito mais publicações sobre o tema, não só porque a temática lhe é cara, mas também porque traz reflexões sobre escolha e orientação profissional, com referenciais teóricos próprios. Mas, como se verá a seguir, há certa tendência, ao que parece, de aumento de pesquisas no campo da Educação, provavelmente em virtude da BNCC e da Reforma do Ensino Médio.

Na sequência, apresenta-se uma descrição geral dos artigos selecionados e faz-se uma análise dos principais referenciais teóricos neles utilizados, para, em seguida, introduzir as definições de “projeto de vida”, de modo a sintetizar características, condições e limites para a elaboração de projetos voltados a jovens.

3. Principais resultados

3.1. Descrição geral dos artigos

Dos 54 artigos analisados, a maioria absoluta é escrita em coautoria, e apenas 3 tem autoria individual, o que pode revelar tendência de fortalecimento de grupos de pesquisa sobre a temática. Há predomínio maciço das mulheres: de 129 autores no total, apenas 20 são homens. Esse fato não causa espanto, dado que a Psicologia e a Educação são áreas com predominância feminina, ratificando vários estudos de gênero¹⁴. Quatro mulheres aparecem com mais de 2 publicações: Dulce Helena Penna Soares (3), Letícia Lovato Dellazzana-Zanon (6), Luciana Albanese Valore (3) – todas da Psicologia – e Valeria Amorim Arantes (3), da área da Educação.

Praticamente metade dos artigos foi publicada depois de 2016 (25), e chama a atenção que 15 são a partir de 2018, indicando tendência crescente de artigos publicados sobre “projeto de vida”, o que pode ser reflexo da promulgação da BNCC para o ensino médio no ano de 2017. No que se refere à distribuição das revistas pelas regiões do país, ela é extremamente desigual:

¹⁴ Uma análise sobre essa questão pode ser encontrada em: Yannoulas (2013) e Lhullier (2013).

somente 8 estados estão representados, e o Sudeste concentra a maioria das revistas, especialmente São Paulo (13), seguido de Minas Gerais (4) e Rio de Janeiro (3). Os únicos estados que têm revistas ao lado desses são: Paraná (com 2 revistas), Rio Grande do Sul (3), Santa Catarina (1), Distrito Federal (1) e Rio Grande do Norte (1).

Decerto, os 30 artigos da base PePSIC e os 3 de Educ@ são, respectivamente, de periódicos da Psicologia e da Educação. Na primeira, há destaque para a *Revista Brasileira de Orientação Profissional* (11 artigos), o que não surpreende, porque o tema projeto de vida – e seus correlatos, como projeto profissional, de carreira e de futuro – é tradicionalmente estudado por esse campo; os demais estão em periódicos dispersos, com exceção de *Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho*, *Imaginário*, *Pesquisas e Práticas Psicossociais* e *Psicologia em Revista*, com 2 artigos cada. Já dos 21 trabalhos da coleção *SciELO*, 16 são de revistas da Psicologia (sendo 5 de *Psicologia: Ciência e Profissão* – que também está em PePSIC – e 5 de *Psicologia e Sociedade*) e apenas 5 da Educação. Constata-se aqui que a temática do projeto de vida tem sido, no Brasil, tradicionalmente, mais pesquisada pela Psicologia, e só recentemente vem sendo incorporada ao campo educacional, decorrência da obrigatoriedade da disciplina de mesmo nome no ensino médio e dos itinerários formativos instaurados pela Lei n. 13.415 (BRASIL, 2017a).

Em relação à metodologia, a maioria dos artigos traz resultados de pesquisas qualitativas (31), que investigam projetos de vida de jovens por meio de variados instrumentos (entrevistas, grupos focais, autorrelato). Em seguida, há 7 textos com metodologia quantitativa (apenas 1 da área de Educação), sendo que 2 tratam da construção e de evidências de validade da “Escala de Projetos de Vida para Adolescentes” (DELLAZZANA-ZANON *et al.*, 2019; GOBBO; NAKANO; DELLAZZANA-ZANON, 2019) e 4 utilizam essa escala ou alguma outra para a realização do estudo.

Estudos com metodologia quanti-qualitativa são todos da Psicologia (4 artigos), e 2 usam escalas como instrumentos de investigação para acessar os projetos e vida dos adolescentes.

Como ratificam Gobbo, Nakano e Dellazzana-Zanon (2019) e Dellazzana-Zanon *et al.* (2019), há predomínio de instrumentos qualitativos nas pesquisas nacionais, “não se tendo notícia da existência de instrumentos quantitativos específicos para avaliar projeto de vida de adolescentes no Brasil” (GOBBO; NAKANO; DELLAZZANA-ZANON, 2019, p. 23). Mas é sintomático que haja concentração daqueles que analisam ou fazem uso de escalas a partir de 2018, sendo forte a presença desse novo instrumento “Escala de Projeto de Vida para Adolescentes” para acessar e avaliar projetos de vida de adolescentes – em 4 artigos quantitativos ou quanti-quali e, também, em 1 texto de metodologia qualitativa (PEREIRA; ZANON; DELLAZZANA-ZANON, 2021). Letícia Dellazzana-Zanon, docente da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, participa de 4 desses 5 trabalhos, sendo referência para a consolidação de evidências de validade para uso da escala na população brasileira.

Há, ainda, 6 ensaios teóricos, sendo 2 de revisão de literatura sobre projeto de vida (MENDONÇA *et al.*, 2018; VIEIRA; DELLAZZANA-ZANON, 2020); 4 relatos de experiência, 3 deles publicados na *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, que, dada a aplicabilidade do campo, aceita bem essa

modalidade e traz casos e técnicas de orientação profissional individual ou em grupo – destaca-se que 1 desses textos também faz uso de escala (“Escala de Maturidade de Escolha Profissional”) (OLIVEIRA; NEIVA, 2013); e, por fim, 2 trabalhos que se utilizam da pesquisa-ação.

No que se refere às temáticas predominantes nos artigos, dado que o recorte para a delimitação do material foi definido no público juvenil, a maioria daqueles que têm pesquisa de campo analisa percepções sobre o projeto de vida de jovens no ensino médio (22 artigos) ou no ensino superior (8 artigos), indicando predominância da pesquisa no primeiro nível de ensino.

Em termos de referências teóricas, há 7 trabalhos que fazem uso de autores variados e muito dispersos, impossibilitando caracterizar uma predominância teórica. Os 47 restantes se baseiam em abordagens provenientes da Psicologia (com destaque, dentro dela, para a psicologia do desenvolvimento, a psicanálise e a sócio-histórica) e, em menor número, da Sociologia, da Filosofia e da Antropologia (essas duas últimas especialmente para a definição de projeto, como se verá adiante). Na verdade, é rara a vinculação a apenas uma perspectiva teórica, havendo diversas combinações possíveis. Em geral, um mesmo trabalho se vale de duas das abordagens elencadas no Quadro 1, que traz a distribuição dos referenciais teóricos, indicando a quantidade de artigos que faz uso de cada um deles¹⁵.

Quadro 1 – Referenciais teóricos

Referencial teórico	Número de artigos em que aparece
Psicologia	
Psicologia do desenvolvimento (destaque para Willian Damon)	14
Psicanálise/psicodinâmica (destaque para Rodolfo Bohoslavsky)	13
Psicologia sócio-histórica	12
Representações sociais	3
Teoria social cognitiva	1
Construcionismo social	1
Psicologia positiva	1
Sociologia (destaque para sociologia da juventude e da educação)	17
Antropologia (destaque para Gilberto Velho)	6
Filosofia	6

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Número significativo de artigos (17) que discute ou tangencia a temática do projeto de vida tem como central uma discussão que provém da Sociologia¹⁶, apresentando uma análise sobre as mudanças que a chamada pós-modernidade instaura na relação com o tempo, implicando um novo modo de vida com repercussões sobre a subjetividade e identidade das pessoas. Pereira e Stengel (2015) apresentam como objetivo central justamente a reflexão teórica sobre a dimensão temporal e o papel dela sobre a visão do sujeito ao projetar-se,

¹⁵ Justamente porque um mesmo texto pode usar mais de um referencial teórico é que a soma ultrapassa 47.

¹⁶ Lehman, Uvaldo e Silva (2006); Ito e Soares (2008); Graf e Diogo (2009); Borges e Coutinho (2010); Dib e Castro (2010); Maia e Mancebo (2010); Almeida e Magalhães (2011); D’Ávila *et al.* (2011); Leão, Dayrell e Reis (2011); Mandelli, Soares e Lisboa (2011); Souza e Castro (2014); Pereira e Stengel (2015); Sales e Vasconcelos (2016); Klein e Arantes (2016); Mendonça *et al.* (2018); Jucá (2020); Oliveira e Silva (2021).

discutindo seus significados para a construção dos projetos dos jovens e sua entrada no mundo adulto.

Dentro dessa convergência temática e teórica, Carmen Leccardi é citada por 7 desses artigos¹⁷. Seus conceitos de “diferimento das recompensas” e “presente estendido” estão presentes em alguns desses trabalhos: como é possível elaborar um projeto diante de um futuro tão indefinido? Nesses trabalhos, a preocupação central é com o contexto de mudanças macrossociais e seus impactos nos projetos, estruturando-os.

A maioria desses textos traz também uma reflexão sobre o próprio conceito de “juventude”: esta deve ser vista como uma construção social, que muda temporal e espacialmente, ou seja, as mudanças associadas a uma dada faixa etária não são universais, mas variam conforme o contexto social. A juventude é interpretada como uma condição juvenil – aspectos comuns que se referem a expectativas socialmente produzidas sobre uma faixa etária – e, também, como situação juvenil, que diz respeito às vivências específicas dos jovens em função de seu contexto sócio-histórico-cultural concreto, que circunscreve suas possibilidades de experiência, fazendo convergir a ideia de que não há uma juventude e, sim, juventudes¹⁸.

Nessa direção, vários desses trabalhos são fronteiros com os 12 que se utilizam da psicologia sócio-histórica¹⁹. Fundamentada em Lev Vygotsky, tal perspectiva é referenciada para conceber o jovem inserido em um dado contexto histórico, que é dinâmico, processual e mediado por relações sociais, e, igualmente, para desnaturalizar as características, gostos e habilidades individuais. Nesse sentido, o projeto de futuro deve ser visto como fruto da vivência em um dado grupo social. A diferença dos artigos que utilizam esse enfoque para aqueles da Sociologia é que os primeiros dialogam com o campo mais específico e aplicado da orientação profissional. Desses 12 textos, 8 fazem referência a Silvio Bock²⁰, pedagogo dessa vertente com significativa influência na OP do país. Cabe destacar que os artigos publicados em periódicos da área da Educação estão alinhados majoritariamente à sócio-histórica. De qualquer forma, embora haja maior ênfase nos aspectos sociais, mesmo em Bock, “a partir da autopercepção das características particulares alcançadas, o indivíduo tem condições de elaborar melhor seu projeto de vida” (2002 *apud* BECKER; BOBATO; SCHULZ, 2012, p. 258). Isso significa que, mesmo aqueles textos da Psicologia ou da Educação que têm uma perspectiva mais social acabam por

¹⁷ Ito e Soares (2008); Graf e Diogo (2009); Dib e Castro (2010); Maia e Mancebo (2010); Mandelli, Soares e Lisboa (2011); Pereira e Stengel (2015); Sales e Vasconcelos (2016).

¹⁸ A partir daí, interessante notar que a revisão de literatura aqui realizada difere daquela feita por Mendonça *et al.* (2018): no artigo “Juventude e projeto de vida: trajetórias na pesquisa acadêmica brasileira”, as autoras afirmam que os estudos analisados não fazem uma discussão política sobre a juventude e a tomam como grupo homogêneo, sem considerar especificidades decorrentes da classe social, gênero, etnia. Elas analisaram teses, dissertações e artigos científicos, nas áreas da Educação, Psicologia e Sociologia, mas se utilizaram apenas dos resumos. Talvez essa diferença na metodologia explique essas divergências dos resultados.

¹⁹ Dias e Soares (2007); Graf e Diogo (2009); Marcelino, Catão e Lima (2009); Borges e Coutinho (2010); Furlani e Bomfim (2010); Mandelli, Soares e Lisboa (2011); Becker, Bobato e Schulz (2012); Pinto e Castanho (2012); Valore e Cavallet (2012); Veriguine, Basso e Soares (2014); Melsert e Bock (2015); Barros e Murgo (2017).

²⁰ Dias e Soares (2007); Graf e Diogo (2009); Marcelino, Catão e Lima (2009); Borges e Coutinho (2010); Becker, Bobato e Schulz (2012); Pinto e Castanho (2012); Veriguine, Basso e Soares (2014); Barros e Murgo (2017).

considerar também aspectos de ordem individual quando se trata de pensar o projeto de vida e/ou a orientação profissional com jovens em fase de escolha de carreira.

O grupo de artigos que se vale dos referenciais da psicologia do desenvolvimento ou da psicanálise também têm, geralmente, como pano de fundo, uma abordagem macrosocial, que situa a questão do projeto de vida no contexto contemporâneo marcado pela incerteza, instabilidade e flexibilidade, especialmente no mundo do trabalho. Mas, neles, a dimensão individual toma a dianteira da análise em alguns casos ou divide a atenção com os constrangimentos sociais, em outros. Dito de outro modo, para além dos condicionantes de ordem macro, os artigos que se filiam a essas correntes põem em cena também os interesses, habilidades e valores individuais como aspectos importantes para a elaboração dos projetos de vida.

A psicologia do desenvolvimento está presente de duas maneiras: de um modo mais amplo, ela aparece em vários artigos que se apoiam em referenciais clássicos (como Piaget, Inhelder e Erickson) e/ou contemporâneos (especialmente Willian Damon)²¹ para destacar a adolescência como uma fase do desenvolvimento humano propícia à construção de projetos de vida. Isso porque, nessa etapa, ampliam-se os avanços cognitivos, afetivos e morais, bem como se inicia a demanda social de ingresso do adolescente no mundo adulto, favorecendo o pensamento de seu futuro.

Autores desse grupo (que tem força a partir de 2019 e dentre os quais se destacam Valéria Amorim Arantes e Letícia Dellazanna-Zanon) ressaltam os benefícios da elaboração de um projeto de vida para a identidade e o desenvolvimento positivo dos adolescentes, que incluem: realização e satisfação pessoal; vida mais saudável e feliz; envolvimento e contribuição para a sociedade; resiliência diante das adversidades; proteção diante de atitudes autodestrutivas. Da mesma forma, são ressaltados os prejuízos frente à sua ausência: incapacidade de manter um sólido relacionamento interpessoal; falta de produtividade; comportamentos de risco associados à violência, uso de drogas, gravidez precoce, entre outros (GOBBO; NAKANO; DELLAZZANA-ZANON, 2019; PEREIRA; ZANON; DELLAZZANA-ZANON, 2021). Certamente, esses autores enfatizam que aspectos como nível socioeconômico, trajetória escolar e familiar interferem e têm forte influência sobre a construção de projetos de vida. Por isso, defendem o planejamento e a implementação de intervenções que favoreçam o desenvolvimento de projetos de vida de adolescentes (DELLAZANNA-ZANON *et al.*, 2019).

De uma maneira mais específica, a perspectiva desenvolvimentista é encontrada em 3 trabalhos situados no campo da Orientação Profissional, que se apoiam em autores como Donald Super e Marc Savickas (NORONHA; OTTATI, 2010; OLIVEIRA; NEIVA, 2013; MENDONÇA; SANTOS, 2019).

Essa abordagem subsidia a reflexão sobre maturidade vocacional, definida como um conjunto de atitudes que devem ser postas em prática visando à inserção laboral. Apoiando-se em Donald Super, Oliveira e Neiva (2013) olham atentamente para essa maturidade no momento da escolha profissional na

²¹ Abreu e Alencar (2012); Pátaro e Arantes (2014); Klein e Arantes (2016); Dellazanna-Zanon *et al.* (2019); Gobbo, Nakano e Dellazanna-Zanon (2019); Riter, Dellazanna-Zanon e Freitas (2019); Vieira e Dellazanna-Zanon (2020); Pereira, Zanon e Dellazanna-Zanon (2021); Tardeli e Arantes (2021); Toledo, Noronha e Dias-Vianna (2021).

adolescência, propondo um modelo que leve em conta duas dimensões: a dos conhecimentos (autoconhecimento e conhecimento da realidade educativa e socioprofissional) e a das atitudes, que se divide em três subdimensões:

(a) Determinação – que se refere a quanto o sujeito está definido e seguro com relação à sua escolha profissional; (b) Responsabilidade, que se refere a quanto o sujeito empreende ações responsáveis para a efetivação desta decisão, e (c) Independência, que se refere a quanto o sujeito está definindo sua escolha profissional de forma independente, sem influenciar-se por outras pessoas: familiares, professores, grupo de pares, mídia etc. (OLIVEIRA; NEIVA, 2013, p. 135).

Savickas aparece em dois artigos para discutir interesses e carreiras ao longo da vida. Os interesses são definidos como

[...] resultado de um processamento cognitivo gerador de emoções e volição que acionam as interações sujeito-ambiente, gerando ações que satisfaçam necessidades e valores, promovendo o desenvolvimento pessoal, a adaptação ao contexto e à consolidação da identidade (SAVICKAS, 1999 *apud* NORONHA; OTTATI, 2010, p. 39).

Na linha da articulação indivíduo-contexto, Savickas também afirma ser fundamental que “as pesquisas sobre construção de carreira [...] investiguem a inter-relação entre agência pessoal e estrutura social” (SAVICKAS *et al.*, 2009 *apud* MENDONÇA; SANTOS, 2019, p. 68), atentando-se para o fato de que tal construção é atualmente constante e dinâmica.

A abordagem psicodinâmica consta de 13 artigos²², metade deles na *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, cujo campo teórico vale-se bastante do pensador argentino Rodolfo Bohoslavsky, que influencia a área desde os anos 1980 e está presente em 12 desses 13 trabalhos. Com sua estratégia clínica, de base psicanalítica, esse autor é uma das referências centrais para pensar a articulação entre desejo e contexto, entre estrutura subjetiva/psíquica e objetiva/socioeconômica. Em sua teoria, as ansiedades, os conflitos e as determinações psíquicas são centrais para se pensar a escolha profissional e/ou o projeto de vida. Central também é a reflexão sobre a identidade pessoal e profissional, sendo esta última formada

[...] através da autopercepção que o indivíduo tem dos papéis profissionais com os quais tem contato ao longo de sua existência, principalmente no que diz respeito às identificações com figuras significativas, como pais, familiares e professores. (BOHOSLAVSKY, 1998 *apud* ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p. 208).

Na visão de Bohoslavsky, o orientando é visto como um sujeito de escolhas, e o indivíduo é capaz de escolher desde que consiga lidar com as ansiedades intrínsecas ao processo. Sua estratégia clínica consiste em ajudar o

²² Lehman, Uvaldo e Silva (2006); Almeida e Pinho (2008); Ito e Soares (2008); Graf e Diogo (2009); Noronha e Ottati (2010); Valore e Selig (2010); Aguiar e Conceição (2011); Almeida e Magalhães (2011); D’Ávila *et al.* (2011); Oliveira e Neiva (2013); Barros e Murgo (2017); Mendonça e Santos (2019); Jucá (2020).

jovem a aprofundar o autoconhecimento (características pessoais, interesses, habilidades, valores, etc.) e conhecer a realidade (da estrutura educacional, do mundo do trabalho, etc.), buscando integrá-los, a fim de que possa tomar decisões de modo mais reflexivo e autônomo. O objetivo da OP na modalidade clínica é “uma colaboração não diretiva com o cliente, no sentido de restituir-lhe uma identidade e/ou promover o estabelecimento de uma imagem não conflitiva de sua identidade profissional” (BOHOSLAVSKY, 1998, p. 5, *apud* OLIVEIRA; NEIVA, 2013, p. 135). O papel do orientador deve ser o de facilitar esse processo, e não o de determiná-lo.

A diferença mais significativa em um trabalho de OP está nessa última abordagem mencionada – a psicodinâmica centrada em Bohoslavsky e Pichön-Rivière –, que traz como fundamental a dimensão afetiva, emocional e inconsciente do processo de escolha e elaboração do projeto, de modo que o jovem encontre aí um sentido. Já a abordagem desenvolvimentista foca menos o sujeito e privilegia mais a “procura ativa de resolução dos seus problemas” (LOPES; TEIXEIRA, 2012, p. 8), por meio de aspectos cognitivos. Há também sutil diferença entre as abordagens no que se refere à relação do indivíduo com o mundo do trabalho: em Bohoslavsky e na sócio-histórica, a OP deve visar à apropriação da condição de autor da própria vida; na abordagem desenvolvimentista, trata-se mais da adaptabilidade a esse mundo.

Esse panorama sobre os referenciais teóricos mais presentes nos artigos permite a afirmação de que boa parte das perspectivas consideram a agência dos indivíduos na construção de seus projetos de vida e percursos profissionais e, com diferentes nuances, integram a dimensão individual à social. Em outras palavras, a maioria dos textos aqui analisados e as referências que os embasam pressupõem o caráter ativo do sujeito, sua condição de autor da própria vida, o que não significa negar o contexto micro e macrosocial no qual ele está inserido e que lhe impõe constrangimentos de ordens diversas.

Na área aplicada da orientação profissional, é praticamente consenso entre trabalhos desse campo que é responsabilidade da OP lidar com a complexidade dos aspectos que envolvem a escolha profissional e a elaboração de um projeto, especialmente diante da realidade atual, marcada pela aceleração das transformações em todas as esferas da vida. Aqui, é mais explícita a ênfase no autoconhecimento, nos critérios de escolha e nas informações sobre a realidade educacional e profissional. A OP é vista majoritariamente como um espaço de reflexão de fala e de escuta, de reconstrução da história de vida, de reflexão e de ação, “permitindo articular o âmbito racional e concreto ao âmbito do desejo e das motivações pessoais no planejamento do projeto de vida” (VALORE, 2010, p. 128-129). Ainda conforme essa autora (2010, p. 130), “a OP consiste numa tarefa ética [...] por conceber o homem como sujeito de escolhas, por mais limitadas que estejam suas potencialidades”.

Por isso, alguns artigos trazem a defesa desse campo como um direito dos jovens e uma obrigatoriedade do Estado, demonstrando preocupação com sua efetivação como política pública, com a formação e o compromisso social dos profissionais que aí atuam e com a promoção da inclusão social. Boa parte da discussão antecede a Lei n. 13.415 (BRASIL, 2017a), que torna obrigatória a disciplina “projeto de vida” nas escolas e designa o professor da escola de ensino médio como responsável para tanto. Se, por um lado, há aí o benefício de incluir

outros públicos que não aqueles tradicionalmente atendidos pela OP, também se veem riscos na implementação de intervenções para o desenvolvimento de projetos de vida, já que elas precisam de consistência teórico-prática e articulação de várias áreas do conhecimento, e considerando que um trabalho desse tipo envolve dimensões psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais (RASCOVAN, 2005 *apud* GRAF; DIOGO, 2009, p. 73).

3. 2. Definições de projeto

Um pouco mais da metade dos artigos selecionados (28 entre os 54) definem projeto e, desses, a maioria²³ traz uma discussão consistente sobre a temática. Nesses trabalhos, os referenciais teóricos são dispersos: passam por filósofos (Jean-Paul Sartre, Alfred Schütz, José Ortega y Gasset, Cornelius Castoriadis), sociólogos (Peter Berger, Jean-Pierre Boutinet, Claude Dubar, Anthony Giddens), psicólogos (William Damon) e antropólogos (Gilberto Velho). Esses dois últimos autores são os mais citados, ou seja, perpassam vários artigos. Além de Velho, outros autores nacionais também são citados em mais de dois artigos: o pedagogo Silvio Bock e o psicólogo da área de OP Marcelo Afonso Ribeiro.

As definições sobre o que seja um projeto partem de um pressuposto: o projeto de vida é uma noção imbricada àquela do indivíduo, construída na modernidade ocidental, a qual, por sua vez, traz implícitas duas concepções: a de que cada indivíduo é livre para escolher e a de que “cada um é portador de um conjunto de potencialidades peculiar, que constitui sua marca própria, e de que sua história (biografia) é uma atuação mais ou menos bem-sucedida destas” (VELHO, 1999 *apud* MAIA; MANCEBO, 2010, p. 382). Velho, por sua vez, apoia-se em Schutz (SALVARO; QUADROS; ESTEVAM, 2016) para destacar que o projeto é uma ação com algum objetivo predeterminado,

[...] uma ação do indivíduo de escolher um, entre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de ser perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida (SCHUTZ *apud* LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 1071).

A partir desses pressupostos, percebe-se, na análise realizada, que as conclusões sobre projeto de vida são parecidas entre si e permitem uma síntese sobre a utilização do conceito. Pode-se dizer que, tanto nos artigos da Psicologia quanto nos da Educação, há quatro aspectos essenciais para se pensar “projeto”: sua dimensão temporal; sua relação com a constituição da identidade; seu caráter dinâmico; e a necessidade de construí-lo e/ou analisá-lo, articulando-se a dimensão individual/subjetiva e social/objetiva. Esses aspectos não aparecem necessária e simultaneamente em todos os artigos analisados; elaborou-se aqui essa síntese, e cabe ressaltar que eles são tão imbricados –

²³ Graf e Diogo (2009); Marcelino, Catão e Lima (2009); Borges e Coutinho (2010); Dib e Castro (2010); Maia e Mancebo (2010); Almeida e Magalhães (2011); D'Ávila *et al.* (2011); Leão, Dayrell e Reis (2011); Mandelli, Soares e Lisboa (2011); Pátaro e Arantes (2014); Klein e Arantes (2016); Salvaro, Quadros e Estevam (2016); Dellazzana-Zanon *et al.* (2019); Gobbo, Nakano e Dellazzana-Zanon (2019); Riter, Dellazzana-Zanon e Freitas (2019); Vieira e Dellazzana-Zanon (2020); Pereira, Zanon e Dellazzana-Zanon (2021); Tardeli e Arantes (2021); Toledo, Noronha e Dias-Viana (2021).

como se verá a seguir – que a separação construída só atende a um propósito didático e analítico.

O primeiro aspecto comum nas análises diz respeito à dimensão temporal: derivado do latim *projectus*, um jato lançado à frente (PEREIRA; STENGEL, 2015), o projeto relaciona-se às aspirações e expectativas futuras, à possibilidade de o sujeito refletir sobre sua trajetória futura no mundo (dentre elas a profissional) e antecipar ações na direção almejada. No campo semântico, associa-se ao termo desenho ou *design*, compreendidos como criação, concepção, esboço desse algo que ainda não existe (PEREIRA; STENGEL, 2015).

Por outro lado, se o projeto se refere a um porvir, sua elaboração é pautada nas relações passadas e presentes: “embora se referindo a um futuro, é no presente que são construídas suas formas; estas têm, por limite, a amplitude que a realidade presente lhes confere” (BOCK; LIEBESNY, 2003 *apud* GRAF; DIOGO, 2009, p. 75). Ou ainda, conforme Velho (1994 *apud* MAIA; MANCEBO, 2010, p. 383),

[...] os projetos individuais são desenvolvidos em torno dessa noção de tempo com etapas se encadeando, que implica a elaboração de planos e condutas orientadas para atingir determinados fins, em uma tentativa de dar sentido ou coerência às experiências vividas.

A importância da memória está presente nas reflexões de Velho: “o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significados à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade” (1994 *apud* MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011, p. 54).

Vê-se, a partir daí, que o projeto se relaciona com a identidade do sujeito e com ela se confunde – e esse é o segundo aspecto que o caracteriza –, pois ambos implicam o vir a ser: “é o desenvolvimento da história e identidade de cada indivíduo, dando sentido para a vida e para o fazer profissional” (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2011, p. 109). Segundo Berger (1977 *apud* DIB; CASTRO, 2010, p. 4), “a ideia de se ter um projeto para a vida (pessoal, profissional) se confunde com a própria formação da identidade moderna, como um princípio organizador ou edificador das biografias”. Como dizem Pereira e Stengel (2015, p. 586), “o projeto aponta para a construção da identidade do jovem que procura compreender: quem ele é? O que deseja para seu futuro?”.

Decorre daí que o projeto (e a identidade) é dinâmico, está em constante metamorfose, em um processo contínuo de reelaboração – e essa dinamicidade é o terceiro aspecto destacado nos autores que analisam a temática. Nesse sentido, o projeto não é uma ideia pronta e acabada, mas antes se relaciona com a abertura para o novo. No contexto atual de multiplicidade de escolhas e de aceleradas transformações, D’Ávila *et al.* (2011) e Almeida e Magalhães (2011) apoiam-se em Giddens para concluir que essa dinamicidade é cada vez mais constante e intensa, demandando a elaboração de projetos de vida reflexivos, “que são constantemente repensados conforme as transformações e necessidades que possam surgir. [...] Assim, essa natureza reflexiva do projeto está intimamente relacionada à identidade do sujeito que o elabora” (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011, p. 208).

Articulado aos anteriores, o quarto aspecto indica que o projeto não é um evento inesperado, e sim “resultado de uma deliberação consciente a partir

de circunstâncias, do campo das possibilidades em que o sujeito está inserido” (VELHO, 2003 *apud* BORGES; COUTINHO, 2010, p. 196). Ou seja, deve ser pensado a partir da inter-relação entre agência pessoal e estrutura social (MENDONÇA; SANTOS, 2019; MENDONÇA *et al.*, 2018). Se o indivíduo precisa descobrir o que quer e o que pretende ser, diferenciando-se dos demais, isso significa que “os projetos, longe de serem naturais e inerentes ao sujeito, são elaborações e construções realizadas em função de experiências socioculturais, de vivências e de interações interpretadas, devendo ser, portanto, sempre relativizados” (VELHO, 1999 *apud* MAIA; MANCEBO, 2010, p. 382).

Isso significa igualmente que, se o projeto é singular, se “o projeto existe no mundo da intersubjetividade” (VELHO, 2003, p. 103, *apud* BORGES; COUTINHO, 2010, p. 196), as escolhas possíveis acontecem dentro de determinadas circunstâncias históricas, sociais e culturais (VELHO, 1981, 1999 *apud* ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011); ou ainda, “o campo dos possíveis é o objetivo em direção ao qual o agente supera sua situação subjetiva” (SARTRE, 1960/1987 *apud* GRAF; DIOGO, 2009, p. 73).

Maia e Mancebo (2010) fazem uma interessante associação que enfatiza como as características do projeto acima expostas são mutuamente articuladas, sendo difícil precisar qual delas antecede ou influencia a outra: elas mostram que, embora partindo de referenciais teóricos diversos, o conceito de projeto elaborado por Velho (2003) vai ao encontro das duas dimensões que Claude Dubar (2005) elenca para refletir sobre as construções identitárias – a biográfica/subjetiva e a relacional/objetiva –,

[...] ao deixar claro que os projetos de vida são elaborações subjetivas que se dão dentro de contextos objetivos específicos e que, portanto, sua formulação só poderá acontecer na articulação feita pelos sujeitos dessas duas dimensões (p. 382).

Essa dupla dimensão do projeto e da identidade pode ser, também, associada à concepção de projeto em Ortega y Gasset, trazida por Klein e Arantes (2016): para o filósofo espanhol, há dois elementos essenciais à ideia de projeto: a vocação e as circunstâncias (e que correspondem, respectivamente, ao subjetivo e ao campo de possibilidades): o primeiro conceito é um “chamado que atrai a pessoa para determinada direção e implica uma imagem de vida individual e única” (p. 136); já as circunstâncias delimitam o espaço para a liberdade de escolha individual.

Nos últimos anos, especialmente de 2019 para cá, assiste-se ao aumento da produção que tem como embasamento teórico a psicologia do desenvolvimento, especialmente do psicólogo William Damon, que traz a ideia de “projeto vital” – *purpose*: “uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e que gera consequências para o mundo além do eu”²⁴ (DAMON, 2009 *apud* PÁTARO; ARANTES, 2014,

²⁴ No texto de Damon, em coautoria com Jenni Mariano e Kendall, há pequena variação na última frase: “uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e que gere um compromisso produtivo para algum aspecto além do eu” (DAMON; MENON; BRONK, 2003 *apud* GOBBO; NAKANO; DELLAZZANA-ZANON, 2019; DELLAZZANA-ZANON *et al.*, 2019; VIEIRA; DELLAZZANA-ZANON, 2020; TOLEDO, NORONHA; DIAS-VIANA, 2021; PEREIRA; DELLAZZANA-ZANON, 2021). Tardeli e Arantes (2021, p. 5) usam outra referência de Damon (2003): “o propósito é uma parte fundamental de nossa busca pessoal por

p. 146; RITER; DELLAZZANA-ZANON; FREITAS, 2019, p. 57). Letícia Dellazzana-Zanon e Valéria Arantes são as autoras principais que têm consolidado essa definição no Brasil, e elas também se valem de outros textos de Damon, em inglês, com tradução própria.

Nessas definições, também aparecem alguns dos aspectos elencados acima, como a intenção futura e o direcionamento a um objetivo de longo prazo; mas ganham destaque: o engajamento ativo do sujeito e a conjunção entre significado pessoal (o interesse e automotivação para realizá-lo na busca de um sentido de vida) e coletivo (o desejo de contribuir com algo para as pessoas ou para a sociedade, no sentido de transformá-las).

Nota-se que a relação entre indivíduo-sociedade está fortemente presente na maioria dos estudos dos pesquisadores que trabalham com projeto de vida; mas, enquanto na síntese feita anteriormente o social aparece como constringendo o indivíduo, aqui é este que se move em direção à coletividade, para transformá-la. Talvez por isso haja também destaque para o papel que os valores e os afetos desempenham no planejamento do projeto e na constituição do sujeito: “o projeto de vida pode funcionar como uma espécie de farol moral, que motiva os indivíduos a se comprometerem e a se engajarem em comportamentos pró-sociais e generativos ao longo de suas vidas (TIRRI; MORAN; MARIANO, 2016 *apud* DELLAZZANA *et al.*, 2019, p. 430). Ou, como afirmam Pátaro e Arantes (2014, p. 146),

[...] os projetos vitais não são formulados apenas a partir de intenções cognitivas, mas também de intenções afetivas, integrando-se à identidade do sujeito e sendo construídos com base tanto em princípios e valores morais - vistos estes como impessoais e universais - quanto nos interesses pessoais, desejos e relações estabelecidas entre os seres humanos.

Nessa linha de raciocínio, Toledo, Noronha e Dias-Vianna (2021) ressaltam que já existem evidências importantes sobre o peso dos fatores contextuais na elaboração dos projetos de vida (nível socioeconômico, família, escola, pares, etc.), mas há ausência no campo de pesquisas que busquem investigar como as características individuais contribuem para a construção desse projeto.

4. Considerações finais

Pesquisas denominadas “estado da arte” têm se destacado no mundo acadêmico, porque elas proporcionam uma visão ampla da produção científica sobre determinada temática. Nas ciências humanas, esse tipo de estudo adquire valor especial por dar um panorama geral sobre as muitas pesquisas qualitativas do tipo “estudos de caso”, que não possibilitam generalizações. Diante disso, o objetivo deste artigo foi o de justamente permitir acesso às principais definições, aspectos e conclusões do tema “projeto de vida”, com foco na população juvenil, a partir de uma dada produção acadêmica: artigos científicos na área da Psicologia e da Educação, nos últimos 15 anos. Pode-se dizer que as conceituações sobre projeto possuem semelhanças e vários aspectos comuns integram o quadro teórico dos textos selecionados.

significado, mas também tem uma característica externa, um desejo de fazer a diferença no mundo, de contribuir para assuntos além de nosso próprio interesse”.

Os teóricos referenciados afirmam, nos artigos analisados, que o projeto encontra seu alicerce na maneira como os indivíduos e as sociedades se relacionam com o tempo e o devir – e daí decorre a relevância de se refletir sobre essa relação quando se pensa nas condições de elaboração de um projeto profissional e nas maneiras com as quais a juventude lida com essa dimensão da realidade.

Se o projeto de vida se associa a uma possibilidade no futuro, tais possibilidades são questionadas quando esse futuro é posto em xeque. Todavia, apesar da complexidade do panorama atual, marcado pela incerteza, pelo risco e pela insegurança, boa parte das pesquisas revela que os jovens buscam elaborar projetos de vida a partir da tríade família, escola e trabalho. Essas dimensões são importantes não só para projetar o futuro como, também, para abrir um leque de possibilidades.

Os artigos convergem igualmente na ideia de que o jovem está sujeito a condicionantes macro e micros-sociais em sua trajetória, o que incide sobre suas escolhas. O projeto não pode ser, então, pensado como uma construção apenas interna e subjetiva; ele é singular, mas não individual, pois é construído nas relações entre o “eu” e o “outro”, entre o jovem e o contexto socioeconômico cultural no qual ele vive (família, escola, igreja, grupo de pares, movimentos sociais, etc.). É o que alguns autores denominam “campo de possibilidades”.

Uma parte dos artigos traz, implícita ou explicitamente, algum tipo de recomendação. Alguns trabalhos chamam atenção para a importância dos programas de orientação profissional, para mostrar que os jovens que dela participam aprendem a escolher, a tomar de decisões e a construir seu projeto de vida de maneira mais consciente, crítica e autônoma, já que têm a oportunidade de escutar a si e ao outro, explorar o autoconhecimento, refletir sobre os constrangimentos de sua realidade, compreender melhor as variáveis intervenientes na escolha e elaborar critérios e estratégias de enfrentamento. Além disso, advogam que todos tenham acesso a esse tipo de intervenção.

Outros estudos fazem recomendações mais genéricas sobre a importância de haver políticas públicas e/ou projetos sociais para empoderar os jovens na construção de projetos futuros que deem sentido às suas vidas. Sugere-se em possíveis ações em escolas, organizações não governamentais e até na formação de grupos de iguais, mediados por profissionais de várias áreas, para que os jovens reflitam e busquem transformação em sua vida pessoal e em sua comunidade. Os artigos que trabalham com a “Escala de Projeto de Vida para Adolescentes” enfatizam a importância desse instrumento para auxiliar profissionais e professores que agora têm de lidar com essa temática no ensino médio, decorrente da Lei n. 13.415 (BRASIL, 2017a).

Em função de todos esses aspectos e da importância conferida ao projeto de vida na Reforma do Ensino Médio de 2017, é imprescindível que as novas gerações tenham institucionalizada a possibilidade de elaborá-lo, articulando as dimensões subjetivas às objetivas, já que é por meio da reflexão crítica de seu presente vivido e de seu passado experimentado que os indivíduos veem possibilidades de interferir na própria realidade, com vistas a modificar o futuro.

É preciso considerar as limitações deste texto, dentre elas a opção por trabalhar apenas com artigos científicos (sem considerar livros, teses e dissertações), publicados no Brasil, nos últimos 15 anos, e em três bases de

dados de acesso aberto. Nesse sentido, seria interessante que novos estudos ampliassem o escopo da investigação aqui realizada. Além disso, dada a recente implementação das mudanças no ensino médio – impactada com a pandemia do coronavírus desde 2020 –, seria igualmente importante que se pesquisasse empiricamente como as escolas e professores do país estão elaborando o “projeto de vida” de seus jovens estudantes. Também é fundamental a continuidade de pesquisas acadêmicas que possam subsidiar melhor a formação, as práticas e os programas no âmbito da Orientação Profissional, da Psicologia e da Educação, áreas fronteiriças que discutem projeto de vida. É por meio de políticas públicas embasadas em saberes científicos que se pode fortalecer os/as jovens na construção de caminhos que deem sentido às suas vidas.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary García; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?** Brasília, DF: Flacso-Brasil; OEI; MEC, 2015.
- ABREU, Elzenita Falcão; ALENCAR, Heloisa Moulin de. Projetos de vida e profissional: um estudo com universitários da área da saúde. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 35, p. 144-170, 2012.
- AGUIAR, Fernando Henrique Rezende; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. Orientação vocacional como tema transversal: uma experiência com profissionais da educação. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 107 - 117, 2011.
- ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 205 - 214, 2011.
- ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 173-184, 2008.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Jeunesse et conjugaison des temps. **Sociologie et Sociétés**, v. 28, n. 1, p. 13-22, 1996.
- BARROS, Leonardo de Oliveira; MURGO, Camélia Santana. Projetos de carreira de adolescentes: contribuições de uma intervenção em orientação profissional em um centro de referência em assistência social. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, MG, v. 12, n. 2, p. 298-309, 2017.
- BECKER, Ana Paula Sesti; BOBATO, Sueli Terezinha; SCHULZ, Maria José Louise Caro. Meu lugar no mundo: relato de experiência com jovens em orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 253-263, 2012.
- BORGES, Regina Célia P.; COUTINHO, Maria Chalfin. Trajetórias juvenis: significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 189-200, 2010.
- BRASIL. **Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e

11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, DF: Presidência da República, 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: ago. 2022.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: ensino médio. Brasília, DF: MEC, 2017b. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: ago. 2022.

BRASIL. Senado Federal - Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa. **Projeto de Lei n. 5.053/2016**. Acrescenta parágrafo único ao art. 22 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para instituir a oferta de serviço de orientação profissional especializado na educação básica. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2167338&filenome=Tramitacao-PL+5053/2016. Acesso em: ago. 2022.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE; OFICINA REGIONAL DE EDUCACIÓN PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE – CEPAL-UNESCO. **Educación y conocimiento**: eje de la transformación productiva con equidad. Santiago de Chile: Cepal-Unesco, 1992.

D'ÁVILA, Geruza Tavares *et al.* Acesso ao ensino superior e o projeto de “ser alguém” para vestibulandos de um cursinho popular. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 350-358, 2011.

DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato *et al.* Evidências preliminares de validade da Escala de Projetos de Vida para Adolescentes. **Avaliação Psicológica**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 429-437, 2019.

DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. Jovem, mostre a sua cara: um estudo das possibilidades e limites da escolha profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 27, n. 2, p. 316-331, 2007.

DIB, Sandra Korman; CASTRO, Lucia Rabello de. O trabalho é projeto de vida para os jovens? **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-15, 2010.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FURLANI, Daniela Dias; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 50-59, 2010.

GOBBO, Jessica Particelli; NAKANO, Tatiana de Cássia; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato. Escala de projetos de vida para adolescentes: evidências de validade de conteúdo. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, PR, v. 10, n. 1, p. 20-40, 2019.

GRAF, Laila Priscila; DIOGO, Maria Fernanda. Projeções juvenis: visões ocupacionais e marcas de gênero. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 10, n. 1, p. 71-82, 2009.

ITO, Larissa Hery; SOARES, Dulce Helena Penna. Projeto do futuro e identidade: um estudo com estudantes formandos. **Aletheia**, Canoas, RS, n. 27, p. 65-80, 2008.

JUCÁ, Vlândia Jamile dos Santos. Adolescência, Ensino Médio e projetos de vida na escola pública. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 394-406, 2020.

KLEIN, Ana Maria; ARANTES, Valeria Amorim. Projetos de vida de jovens estudantes do ensino médio e a escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 11, p. 135-154, 2016.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, dez. 2011.

LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005.

LEHMAN, Yvette Piha; UVALDO, Maria da Conceição Coropos; SILVA, Fabiano Fonseca da. O jovem e o mundo do trabalho: consultas terapêuticas e orientação profissional. **Imaginário**, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 81-96, 2006.

LHULLIER, Louise A. *Quem é a psicóloga brasileira?* Mulher, psicologia e trabalho. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2013.

LOPES, Ana Rita; TEIXEIRA, Maria Odília. Projetos de carreira, autoeficácia e sucesso escolar em ambiente multicultural. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 7-14, 2012.

MAIA, Ana Augusta Ravasco Moreira; MANCEBO, Deise. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 30, n. 2, p. 376-389, 2010.

MANDELLI, Maria Teresa; SOARES, Dulce Helena Penna; LISBOA, Marilu Diez. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. especial, p. 49-57, 2011.

MARCELINO, Maria Quitéria dos Santos; CATÃO, Maria de Fátima Fernandes Martins; LIMA, Claudia Maria Pereira de. Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 29, n. 3, p. 544-557, 2009.

MELO-SILVA, Lucy Leal; MUNHOZ, Izildinha Maria da S.; LEAL, Mara de S. Orientação profissional na educação básica como política pública no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 3-18, 2019.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-33902019000100002. Acesso em: ago. 2022.

MELSERT, Ana Luísa de Marsillac; BOCK, Ana Mercedes Bahia. Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 773-789, 2015.

MENDONÇA, Érika Souza *et al.* Juventude e projeto de vida: trajetórias na pesquisa acadêmica brasileira. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 230-248, jan./abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p230-248>

MENDONÇA, Érika Souza *et al.* Juventude e projeto de vida: trajetórias na pesquisa acadêmica brasileira. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 230-248, jan./abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p230-248>

MENDONÇA, Tatiane Rose Oliveira; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. Trajetórias de egressos de um Programa de Orientação Profissional: contextos e escolhas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 67-77, jan./jun. 2019.

NORONHA, Ana Paula Porto; OTTATI, Fernanda. Interesses profissionais de jovens e escolaridade dos pais. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 37-47, 2010.

OLIVEIRA, Christiane Maria Ribeiro; NEIVA, Kathia Maria Costa. Orientação vocacional/profissional: avaliação de um projeto piloto para estudantes da educação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 133-143, 2013.

OLIVEIRA, Ramon; SILVA, Amanda Felix da. Projetos de vida no ensino médio: o que os jovens nos disseram? **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 1263-1286, 2021.

PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação: uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; ARANTES, Valéria Amorim. A dimensão afetiva dos projetos vitais: um estudo com jovens paranaenses. **Psicologia em Estudo**, Maringá, PR, v. 19, n. 1, p. 145-156, 2014.

PEREIRA, Bruna Caroline; ZANON, Cristian; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato. Influência dos contextos escolar e familiar nos projetos de vida de adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 41, e227915, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003227915>

PEREIRA, Heloísa Cristina; STENGEL, Márcia. Projetos de vida na Pós-Modernidade: possibilidades e limites aos jovens. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 582-598, 2015.

PINTO, Telma Maranhão Gomes; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, SP, v. 29, n. 3, p. 395-413, 2012.

RITER, Helena da Silveira; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; FREITAS, Lia Beatriz de L. Projetos de vida de adolescentes de nível socioeconômico baixo quanto

aos relacionamentos afetivos. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, SP, v. 20, n. 1, p. 55-68, jan. 2019.

SALES, Celecina Veras; VASCONCELOS, Maria Aurilene de Deus Moreira. Ensino médio integrado e juventudes: desafios e projetos de futuro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 11, p. 69-90, jan./mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623656094>

SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; QUADROS, Samantha Maciel de; ESTEVAM, Dimas de Oliveira. Projetos profissionais de estudantes de um curso técnico em agropecuária. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 28, n. 2, p. 309-319, 2016.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e a conviver**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1999.

SOUZA, Marina Gomes Coelho; CASTRO, Lucia Rabello de. O projeto profissional de jovens das classes médias: orientações normativas e estratégias de inserção. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 161-175, 2014.

TARDELI, Denise D'Auria; ARANTES, Valéria Amorim. As possibilidades de autorrealização expressas nos projetos de vida de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 25, e225698, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021225698>

TARTUCE, Gisela Lobo B.P. **Jovens na transição escola-trabalho: tensões e intenções**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010.

TARTUCE, Gisela Lobo B. P. *et al.* Desafios do ensino médio no Brasil: iniciativas das secretarias de educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 168, p.478-504, abr./jun. 2018.

TOLEDO, Caio Cesar Rodrigues de; NORONHA, Ana Paula Porto; DIAS-VIANA, João Lucas. Forças de caráter e construção de projetos vida na adolescência. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 22, n. 1, p. 41-50, 2021.

TORRES, Haroldo da G.; TEIXEIRA, Jaqueline M.; FRANÇA, Danilo. O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola. *In: Estudos & Pesquisas Educacionais: relatório final*. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2014. p. 167-204. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273955346_O_que_os_jovens_de_baixa_rendapensam_sobre_a_escola. Acesso em: ago. 2022.

VALORE, Luciana Albanese. Orientação profissional no contexto psiquiátrico: Contribuições e desafios. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 121-131, 2010.

VALORE, Luciana Albanese; CAVALLET, Luiza Helena Raittz. Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 354-363, 2012.

VALORE, Luciana Albanese; SELIG, Gabrielle Ana. Inserção profissional de recém-graduados em tempos de inseguranças e incertezas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 390-404, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8962/6849>. Acesso em: ago. 2022.

TARTUCE, G. L. B. P.; BORDIGNON, L.; ALMEIDA, P. A. *Projeto de vida: como pesquisadores da área da Psicologia e da Educação abordam essa categoria?*

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VERIGUINE, Nadia Rocha; BASSO, Cláudia; SOARES, Dulce Helena Penna. Juventude e perspectivas de futuro: a orientação profissional no Programa Primeiro Emprego. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 34, n. 4, p. 1032-1044, 2014.

VIEIRA, Gabriela Pagano; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato. Projetos de vida na adolescência: uma revisão sistemática da literatura. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, e15474, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e15474>

YANNOULAS, Silvia Cristina. *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré, 2013.

Responsável pela revisão ortográfico-gramatical do texto:

Nome: Adélia Maria Mariano da Silva Ferreira E-mail: admariano.ferreira@gmail.com

Enviado em: 22/setembro/2022 | Aprovado em: 18/março/2023